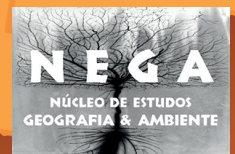


VOLUME 1  
Cartografias  
contracoloniais



# ATLAS DA PRESENÇA QUILOMBOLA EM PORTO ALEGRE/RS

Cláudia Luísa Zeferino Pires  
Lara Machado Bitencourt  
organizadoras







## Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Carlos André Bulhões Mendes, *Reitor*

Patricia Pranke, *Vice-reitora*

Júlio Otávio Jardim Barcellos

*Pró-Reitor de Pós-Graduação e*

*de Coordenação Acadêmica (PROPG)*

José Antonio Poli de Figueiredo,

*Pró-Reitor de Pesquisa (PROPESQ)*

Adelina Mezzari,

*Pró-Reitora de Extensão (PROEXT)*

José Antônio dos Santos,

*Diretor do Departamento de Educação*

*e Desenvolvimento Social (DEDS)*

Alan Alves Brito,

*Coordenador do Núcleo de Estudos*

*Afro-Brasileiros, Indígenas e Africanos (NEABI)*

Luis Carlos Espindula,

*Diretor da Gráfica da UFRGS*

### Instituto de Geociências

Nelson Luiz Sambaqui Grüber, *Diretor*

Paulo Roberto Rodrigues Soares,

*Coordenador do Programa de Pós-Graduação*

*em Geografia (POSGEA)*

Marcelo Argenta Câmara,

*Chefe do Departamento de Geografia*

Cláudia Luísa Zeferino Pires,

*Coordenadora do Núcleo de Estudos de*

*Geografia & Ambiente (NEGA)*

### Fomento

CAPES/POSGEA

CNPq

PROEXT/UFRGS

NEABI/UFRGS

### Parcerias

Frente Quilombola RS

Instituto de Assessoria às Comunidades

Remanescentes de Quilombos

Akkani - Instituto de Pesquisa e Assessoria em

Direitos Humanos, Gênero, Raça e Etnias

 atlasquilombosportoalegre@gmail.br | [www.ufrgs.br/nega](http://www.ufrgs.br/nega)



POSGEA



**ATLAS DA  
PRESENÇA QUILOMBOLA  
EM PORTO ALEGRE/RS**

**Volume 1**

**Cartografias  
contracoloniais**

**Cláudia Luísa Zeferino Pires  
Lara Machado Bitencourt  
organizadoras**







# QUILOMBO DA FAMÍLIA FLORES

## Quilombo dos Flores

*Apresento para você a história da família do povo brasileiro, que batalha nesta vida.  
Lutar por igualdade é resgatando a nossa trilha*

*Lei ventre livre concedia liberdade em pleno século XXI, isso ficou só na vontade,  
falo para você a mais pura verdade  
Tá aqui Quilombo Flores para relatar,  
por sua igualdade buscando por justiça que quase foi tirada  
aliada por irmão minha pátria amada*

*O que pensam que são para matar a nossa cultura? Preto, pobre, excluído pelas ruas*

*Essa é a missão que Quilombo vem cantar  
a nossa tradição e origem para mostrar,  
dança, capoeira, movimento religioso  
respeita a irmandade que acredita no seu povo*

*Lutar por um país de igualdade para todos  
ver meu povo negro e fazer de novo*

*Eu só quero é ser feliz e andar tranquilamente no Quilombo onde nasci é  
e poder me orgulhar e ter a consciência que Quilombo Flores tem seu lugar*

*A cruel forma da vida que um pouco será mostrada  
criança pobre negra retirada de suas casas*

*Consciência negra hoje só existe no papel,  
violência, preconceito e torre de babel*

*Fique esperto meu irmão,  
querem apagar nossa história te mostra a verdade  
trazendo a trajetória de nossos ancestrais  
que lutaram por nossa liberdade,  
escravos, fugitivos, só queriam igualdade*

*No mundo que vivo hoje não é diferente,  
vivo acorrentada e presa na minha mente*

*Meu cabelo, minha pele é a minha identidade  
Eu sou negra, sou bonita, grito minha igualdade  
Minha vida passada indica quem eu sou,  
liberdades dos escravos que a branca acorrentou*

*Meus irmãos a nossa luta não pode parar, povo negro força para lutar  
cultura negra precisamos resgatar  
então, te digo, não deixa de acreditar*

*Eu só quero é ser feliz e andar tranquilamente no Quilombo onde nasci é  
e poder me orgulhar e ter a consciência que Quilombo Flores tem seu lugar*

Geneci Flores (2018)



VERSÃO DIGITAL

### COMO CITAR:

PIRES, Cláudia Luísa Zeferino; BITENCOURT, Lara Machado; FLORES; Geneci de Lurdes; FLORES, Gerson; FLORES, Gustavo; VASCONCELOS, João Batista da Costa; MELLO, Nara Maria Vasconcelos de; FLORES, William; *et al.* Quilombo da família Flores. In: PIRES, Cláudia Luísa Zeferino; BITENCOURT, Lara Machado (org.). *Atlas da presença quilombola em Porto Alegre/RS*. Porto Alegre: Letra1, 2021, p. 253-281

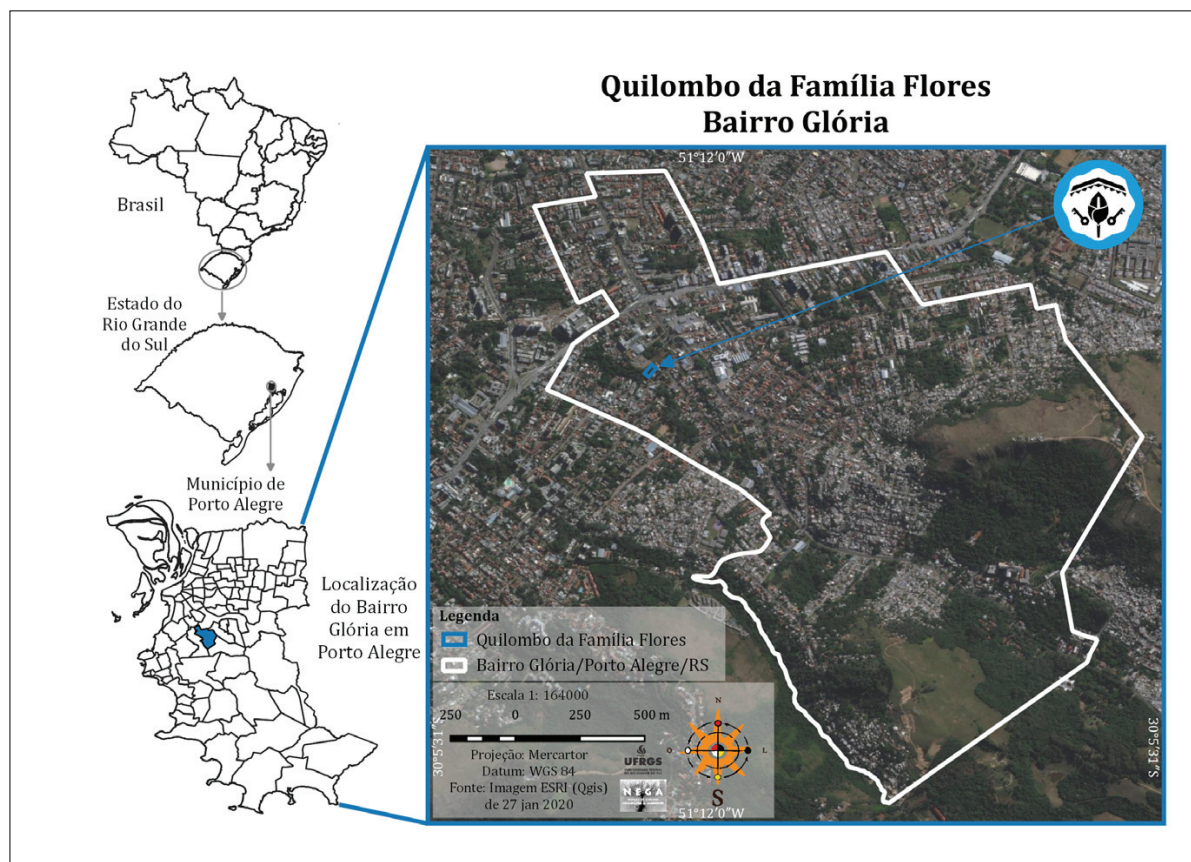




## NARRATIVAS ESPACIAIS DO QUILOMBO DA FAMÍLIA FLORES

O Quilombo da Família Flores está localizado na zona Sul de Porto Alegre, na rua Manduca Rodrigues, 283, no bairro Glória<sup>1</sup> (Figura 1). A matriarca, Rosalina da Costa Vasconcelos, mudou-se, em 1975, com seu pai e três de seus cinco filhos, para o território da Família Flores. Antes, sua família morava na Estrada dos Alpes, próximo ao Quilombo dos Alpes. Atualmente, a distância entre os dois territórios quilombolas é de 2,5 km.

Formada pelo encontro de Rosalina e de Adão Fausto Flores da Silva, a família Flores (Figuras 2 e 3) desenvolveu sua trajetória, através de muita luta e de resiliência. Os primeiros registros sobre o território, em que está assentada a comunidade, datam de 1848, quando a área atual do quilombo fazia parte de uma sesmaria, de posse de Manuel da Silva Nunes. Nessas terras, viviam escravizados, que trabalhavam em diversos serviços domésticos e de manutenção das propriedades do entorno, que, na época eram, em sua maioria, chácaras (PMPA, 1995). Assim, a força de trabalho dos povos negros sempre esteve



**Figura 1** – Mapa de localização do Quilombo da Família Flores no bairro Glória, em Porto Alegre (RS).  
**Fonte:** NEGA (2020)

<sup>1</sup> Em 2021 a comunidade do Quilombo Santa Luzia deu início ao seu processo de autorreconhecimento, tornando-se o terceiro quilombo do bairro Glória.



**Figura 2** – A matriarca Rosalina e sua família  
**Fonte:** acervo de Ariel Rocha de Lima (2020)

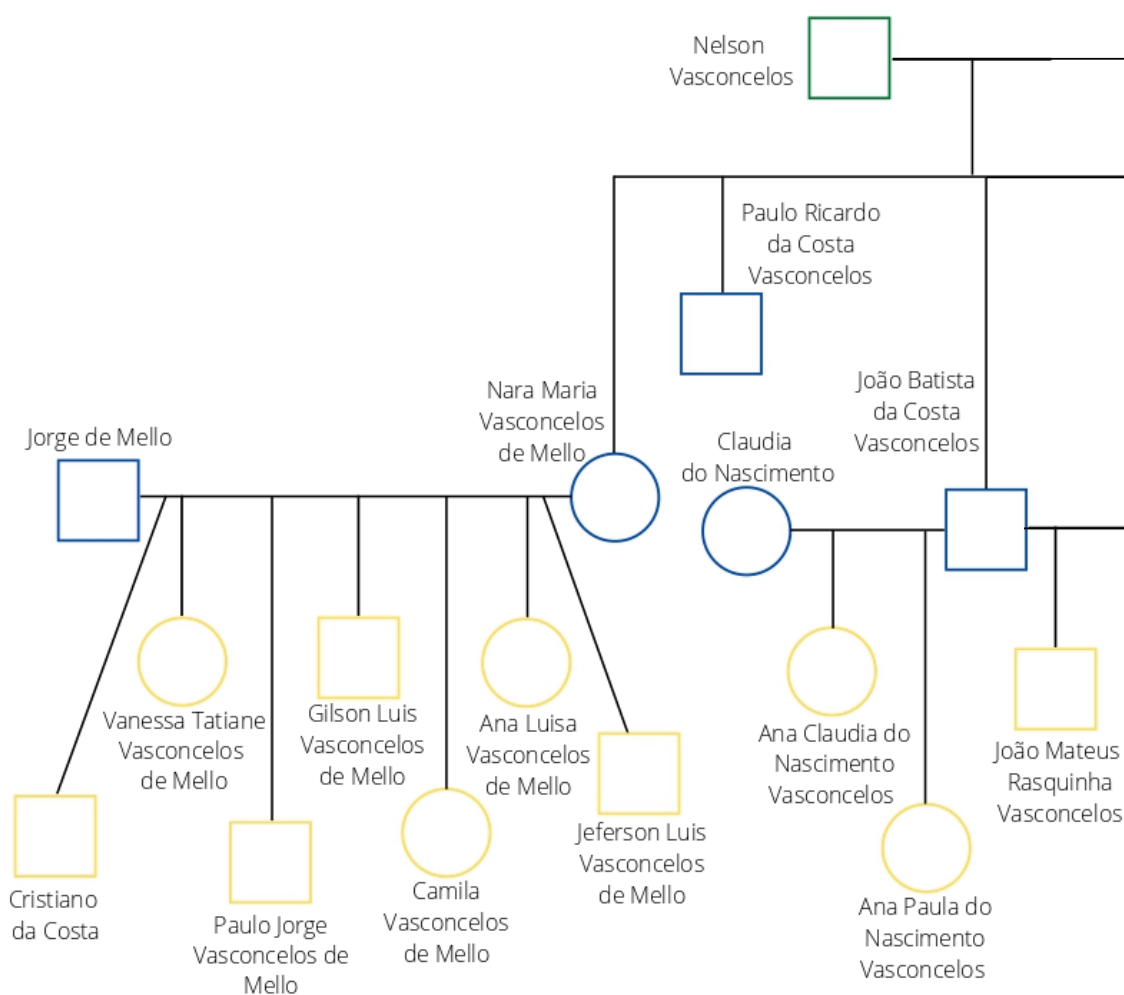
presente no bairro Glória e, onde hoje se encontra o Quilombo da Família Flores, no passado, encontrava-se um grande arraial, com muitos “refúgios”, em que os escravizados buscavam proteção e liberdade.

Frequentando uma terreira próxima à grutinha da Glória, Adão conheceu Rosalina e com ela se casou, em 1975. Nesta época, a matriarca Rosalina, falecida em 2021, aos 75 anos, morava na Estrada dos Alpes e se mudou, com o pai, Eurico Lopes da Costa, e com os quatro filhos para o atual território do Quilombo da Família Flores. Os filhos, Nara Maria Vasconcelos de Mello (58 anos), Paulo Ricardo da Costa Vasconcelos (falecido), João Batista da Costa Vasconcelos (53 anos) e João da Costa Vasconcelos (48 anos), são frutos da união de Rosalina com Nelson Vasconcelos na década de 1960. Na época, Nara tinha 12 anos, João Batista, sete anos e João da Costa, dois anos. Os três conviveram com o padrasto



# ÁRVORE GENEALÓGICA DA FAMÍLIA FLORES

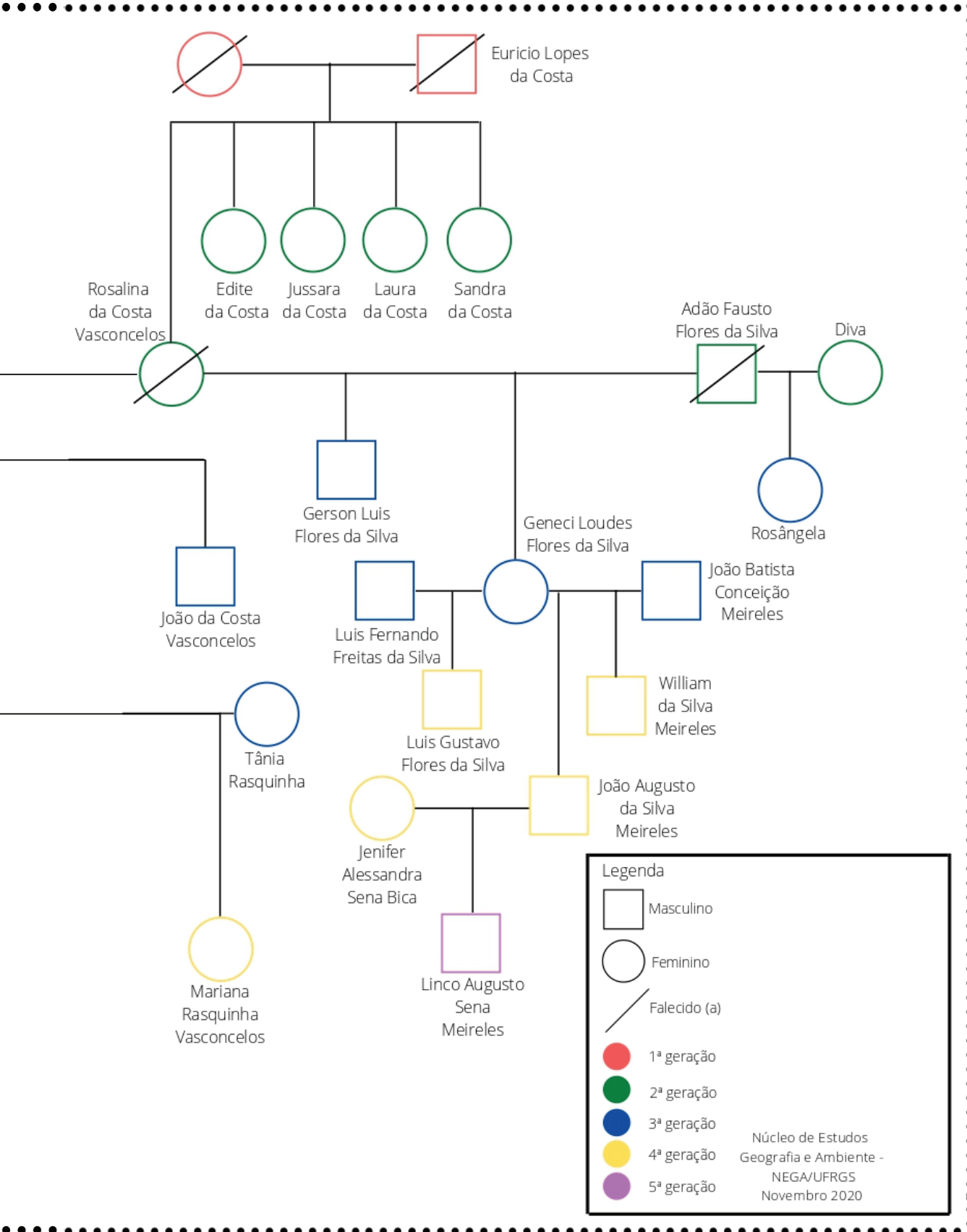
Maria Ercília de  
Oliveira da Costa



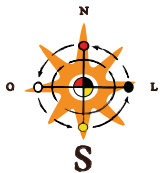
**Figura 3** – Árvore genealógica da Família Flores.  
**Fonte:** NEGA (2021)











Adão, até seu falecimento, e dele herdaram conhecimentos sobre as ervas, para uso medicinais e para banhos.

O patriarca Adão, falecido em 1983, aos 64 anos, fundamenta a criação dos vínculos territoriais com a área ocupada pelo Quilombo da Família Flores. Natural de Bom Retiro do Sul, Adão se mudou para Porto Alegre, na década de 1930 (Figura 4), vivendo inicialmente na região da antiga Ilhota, mudando-se para o terreno na Glória, por volta de 1955, quando se casou com sua primeira esposa, que trabalhava para a família Azambuja, então dona do lugar, recebendo, em troca, a permissão de morar no terreno. Adão viveu com sua primeira esposa, até o fim da vida dela, na década de 1960.

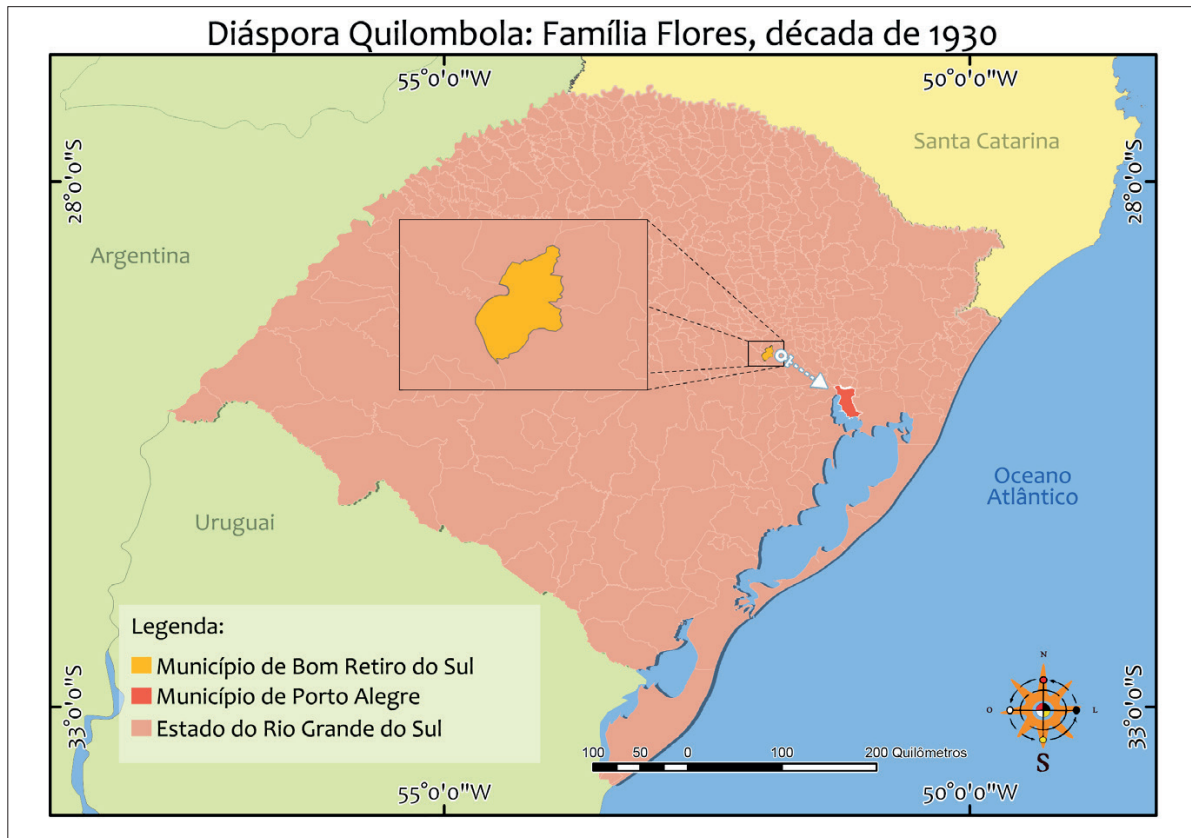
Geneci de Lourdes Flores (43 anos) e Gerson Luís Flores da Silva (44 anos) são filhos do casal Adão e Rosalina, os quais nasceram e se criaram no território, em que, hoje, criam suas famílias. Atualmente, Geneci e Gerson (Figuras 5 e 6) são as lideranças políticas e religiosas do Quilombo da Família Flores, respectivamente.

Da união de Adão e de Rosalina se formaram 45 outras famílias, mas apenas cinco delas vivem no território quilombola. O desejo é de que, com a titulação definitiva, ocorra o fim dos conflitos, que trazem insegurança à grande família Flores, para que os demais parentes retornem ao território, ocupado há mais de 40 anos por eles.

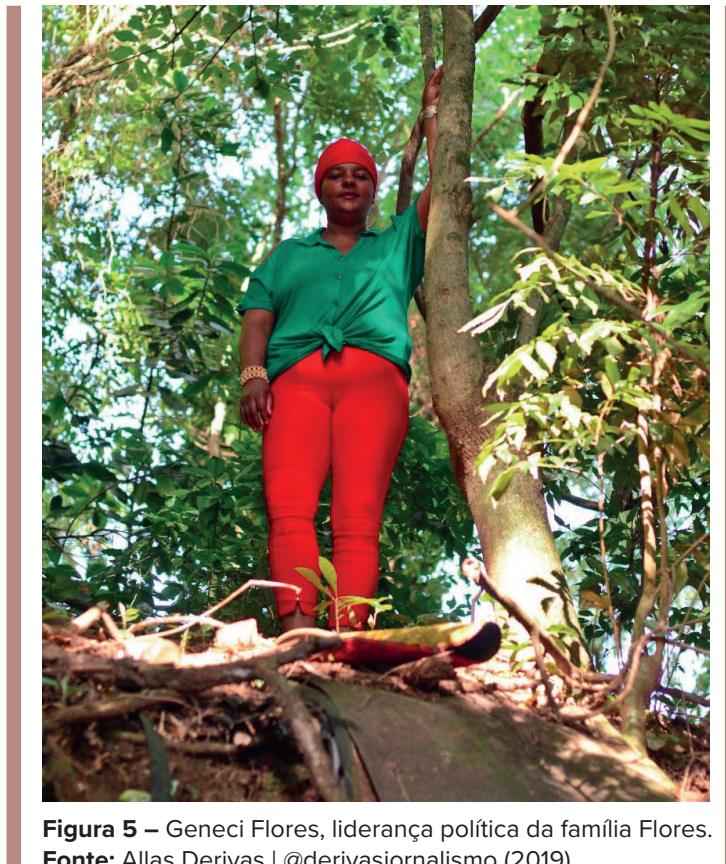
Em 1981, um incêndio na casa da família fez com que os objetos pessoais e com que os registros mais antigos da presença no território fossem perdidos. A família protocolou o boletim de ocorrência, mas não houve investigações, para apurar as causas do incêndio. Dois anos depois, em 1983, morre o patriarca Adão e, meses depois, ocorre a primeira tentativa de reintegração de posse no território da família. Na época, o Estado brasileiro ainda não possuía legislação, para atender às reivindicações de direitos das comunidades quilombolas, por isso, antes de ir a óbito, Seu Adão recorreu à justiça, com a primeira ação de usucapião, ainda em 1983.

São muitos os conflitos gerados pela disputa de terra, mas, atualmente, o principal deles é a disputa judicial, que envolve o esbulho do território, por parte da Fundação Marista – Unidade Assunção, lindeiro ao território do Quilombo da Família Flores. A Fundação reivindica a posse do terreno ocupado pelo Quilombo da Família Flores, porém nunca ficou comprovada a titularidade das terras, em nome da fundação. A família possui uma longa trajetória na busca pela usucapião da terra, que se fortaleceu nos últimos anos, através do processo de autorreconhecimento quilombola.

Em 2015, a Fundação Marista entrou com um pedido de reintegração de posse da terra, mesmo, sem o registro em nome da Fundação. Máquinas derrubaram cercas e um muro (Figura 7) foi construído, na tentativa de forçar a remoção da



**Figura 4** – Mapa da diáspora da Família Flores  
**Fonte:** NEGA (2021)



**Figura 5** – Geneci Flores, liderança política da família Flores.  
**Fonte:** Allas Derivas | @derivasjornalismo (2019)





**Figura 6** – Gerson Flores, liderança espiritual da família.  
**Fonte:** acervo de Luiza Marzano Assumpção (2019)



**Figura 7** – Muro construído em 2015, pela Fundação Marista.  
**Fonte:** NEGA (2019)

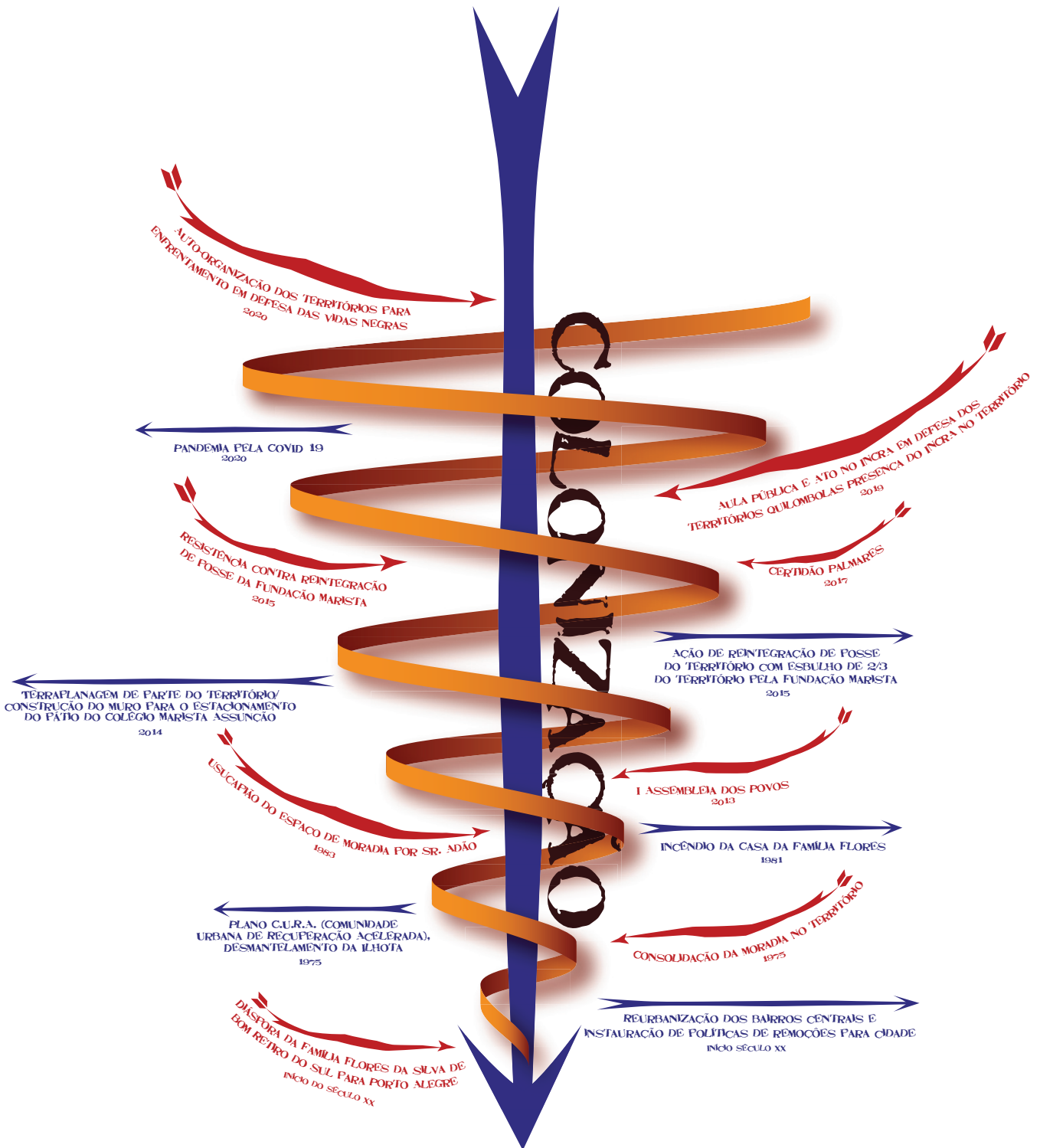


**Figura 8** – Certidão de Autorreconhecimento, emitido pela Fundação Cultural Palmares.  
**Fonte:** NEGA (2019)

família e de ampliar o estacionamento do Colégio Marista Assunção. A família resistiu às tentativas de esbulho e de usurpação da propriedade, impedindo a conclusão da ação, mediante mobilização pelo direito à terra. Mesmo com a resistência da comunidade, houve invasão, cercamento e construção de um estacionamento, em parte do território do quilombo, que teve seu autorreconhecimento certificado, em 2017, pela Fundação Cultural Palmares (Figura 8).

Na **Espiral das resistências do Quilombo da Família Flores** (Figura 9), registramos graficamente os marcos históricos importantes no percurso da Família Flores, ao longo de suas trajetórias de pertencimento territorial e de autorreconhecimento quilombola.





**Figura 9** – Espiral da Resistência do Quilombo da Família Flores  
**Fonte:** NEGA e Geneci Flores (2021). Ilustração: Gabriel Muniz (2021)



## CARTOGRAFIAS CONTRACOLONIAIS DO QUILOMBO DA FAMÍLIA FLORES

Em 15 de junho de 2019, iniciamos os trabalhos de campo no Quilombo da Família Flores. No primeiro dia de levantamento, fomos recebidos por Geneci Flores, liderança comunitária, que nos apresentou o território e as demandas da família. Na sequência da apresentação da nossa equipe e da metodologia de trabalho, estabelecemos as datas de 9 de julho e de 22 de agosto para o campo de mapeamento coparticipativo (Figura 10). Reunimos, nas duas datas, as presenças alternadas dos irmãos João Batista, Gerson e Nara, para a contação das narrativas do território. Para isso, foi utilizada uma imagem de satélite (impressão A0), abrangendo a área do quilombo e o entorno, em que foram registrados, conforme o desenrolar dos depoimentos, os marcadores territoriais, que fundamentam as cartografias contracoloniais apresentadas neste capítulo.

O conceito de cartografia contracolonial deriva da associação teórico-metodológica das concepções de Santos (2015) e da construção metodológica da cartografia social (ACSELRAD, 2008). Associamos, ao desenvolvimento das cartografias, as construções teóricas de marcadores territoriais de Isabel Henriques (2003) e os valores afrocivilizatórios dados por Azoilda Trindade (2010), que são enunciados pelos entrevistados, ao longo da construção dialógica



**Figura 10** – Trabalho de campo, realizado junto à família Flores.

Fonte: NEGA (2019)



dos mapas, resultantes da realização das entrevistas semiestruturadas sobre o lugar, sobre as memórias e sobre as trajetórias do entrevistado, em que registramos as marcas territoriais da comunidade, com o auxílio de uma imagem de satélite. Através do lugar de escuta (FREIRE, 2016), que ocupamos, como pesquisadora/es, desenvolvemos, em parceria com as lideranças comunitárias, as interpretações e as afirmações sobre os territórios quilombolas, que dão origem às cartografias contracoloniais.

Na cartografia **Quilombo da Família Flores: Marcadores Territoriais** (Figura 11), são registradas as diversas relações espaciais da família com o território. Destacam-se, também, os marcadores antigos de vivência e de memórias da infância no território; alguns deles, apagados, pela invasão da Fundação Marista.

*[...] A família sempre teve bastante criança e os vizinhos aqui da frente que se criaram com a gente vinham também, corriam aqui também, brincavam direto. No mato, no arroio, ali no cipó. [...] A gente brincava de trabuco, pegava uma taquara mais grossa e umas fininhas, passava por dentro, colocava bolinha de cinamomo ali na ponta e estourava” (depoimentos pessoais de Geneci de Lourdes Flores, de João Batista da Costa Vasconcelos, de William Flores e de Gustavo Flores em entrevista concedida ao NEGA, em 09/07/2019)*

As memórias revelam as relações da família Flores com o bairro Glória e os seus elos com a terra. No território do quilombo, estão guardados os testemunhos, deixados pela presença das lavadeiras nas pedras do arroio Cascata<sup>2</sup> (Figura 12), localizado nos fundos do terreno da família. No passado, as mulheres negras escravizadas e libertas lavavam roupas nesse arroio, até o começo do século XX. Nesta prática, as pedras do arroio Cascata foram sendo moldadas pela erosão mecânica, provocada pelas lavadeiras.

A relação entre o sagrado e o território se dá pelas ervas cultivadas pela família, como a costela-de-adão e a guiné (Figura 13), usadas para banhos e para preparações ritualísticas. O cultivo das ervas se faz presente há décadas (Figura 14), desde a presença do patriarca Adão, que já cultivava ervas e chás na antiga horta do quilombo. Gerson herdou do pai o talento para as curas naturais e o conhecimento das ervas, mas comenta que pouco conviveu com Adão, que faleceu, quando ele tinha apenas seis anos.

A afirmação territorial do Quilombo da Família Flores expressa nesta cartografia representa as memórias, a ancestralidade, a religiosidade e as práticas cotidianas de convívio e de cuidado com território. Os marcadores representam as resistências resilientes da família, em seus cuidados com

<sup>2</sup> O arroio Cascata também é conhecido como riacho Taquara.





**Figura 12** – Arroyo Cascata, cruzando os fundos do território do Quilombo da Família Flores. No destaque, uma das pedras, que serviam para as lavadoras lavarem roupas.  
**Fonte:** NEGA (2019) e acervo de Ariel Rocha de Lima (2020)



**Figura 13** – Costela-de Adão e Guiné.  
**Fonte:** acervo de Claudia Pires (2019)

o território. Para isso, muitas são as atividades desenvolvidas no território, que abrigam a comunidade do bairro Glória e que fortalecem as identidades quilombolas (Figuras 15, 16 , 17).



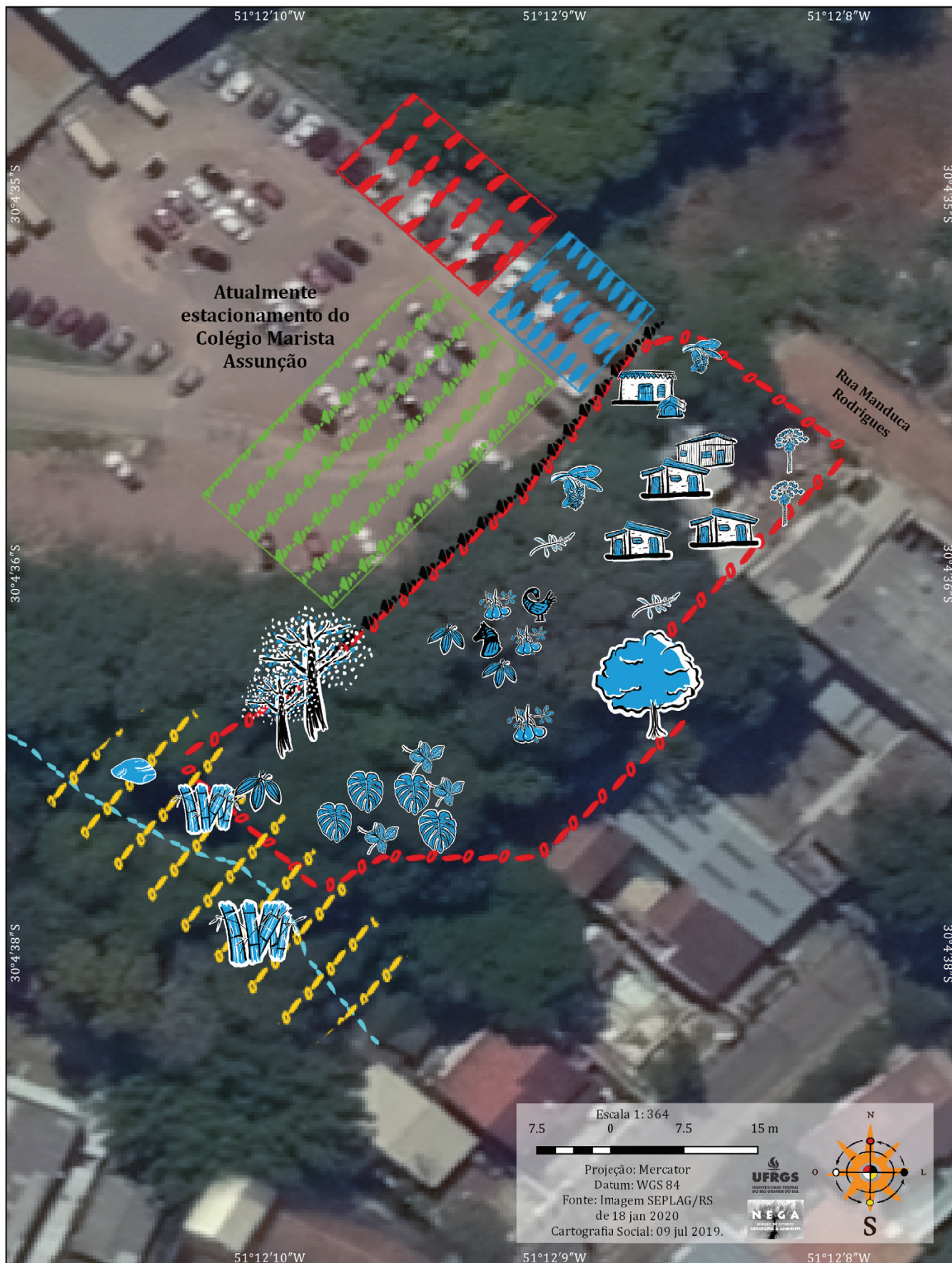


**Figura 11** – Mapa dos Marcadores Territoriais do Quilombo da Família Flores.  
**Fonte:** NEGA (2020)

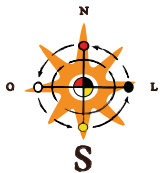


# QUILOMBO DA FAMÍLIA FLORES

## Marcadores Territoriais







**Figura 14** – Cuidado com o território, pelo plantio de ervas.

**Fonte:** acervo de Ariel Rocha de Lima (2020)



**Figura 15** – Atividade da Frente Quilombola/RS no território dos Flores.

**Fonte:** arquivo da Frente Quilombola/RS (2018)





**Figura 16** – Trabalho de campo das turmas de 9º ano da EMEF Gabriel Obino, para o livro *Memórias de Trabalho e Não Trabalho Quilombola*, organizado por Marcio Meireles Martins.  
**Fonte:** arquivo da EMEF Gabriel Obino (2019)



**Figura 17** – Cineclubes Bamako, em edição no Quilombo da Família Flores.  
**Fonte:** acervo de Gabriel Muniz (2019)



Na cartografia **Movimentos Históricos e Fluxos Cotidianos: Quilombo da Família Flores** (Figura 18), registramos os fluxos de deslocamento dos dias atuais e os percursos ancestrais, que levaram a família a construir seu território. Situar estes movimentos é uma forma de evidenciar a afirmação territorial, presente nas relações com o lugar, com o entorno, com a trajetória da família e com os seus vínculos de pertencimento, de territorialidade e de responsabilidade, em relação ao território, que reivindicam a legitimidade da ação de usucapião, haja vista que a ocupação do território é ininterrupta há mais de quarenta anos. Esta ação também se legitima pela reparação geo-histórica, exigida ao Estado brasileiro, frente aos crimes de lesa-humanidade, cometidos contra as populações negras, durante os períodos colonial e pós-abolição, com as políticas de eugenia e de segregações racial e espacial, como é o caso da Lei de Terras, de 1850, que impôs profundas restrições, para garantir a propriedade da terra, principalmente, para ex-escravizados.

Sobre as trajetórias do passado, João Batista, que veio morar no território, quando tinha sete anos nos conta sobre sua relação com o Quilombo dos Alpes e o bairro Glória:

*[...] Eu nasci lá nos Alpes, nós viemos dali, mas antes fui pra Glória ali em cima e, depois que vim pra cá, e aqui eu fiquei. [...] Morei lá na Glória com meu vô, Eurico, que era motorista de bonde e que conhecia bem a região. Morei com ele e com umas tias, depois é que eu vim pra cá. (depoimento pessoal de João Batista da Costa Vasconcelos em entrevista concedida ao NEGA, em 09/07/2019)*

Se, atualmente, a religiosidade da família se expressa pela presença de Gerson, no passado, as memórias do pai Adão evocam sua experiência, como curandeiro espiritual, e pelos trabalhos da matriarca Rosalina, filha de Yemanjá. Além das manifestações religiosas, que acompanham o histórico da família, as manifestações artísticas também integram as relações de convivência, como as participações de Geneci em peças de teatro e no cenário musical, através do *Rap*, em que ela expressa, em suas letras, algumas das lutas e das demandas da comunidade.

Outro destaque importante recai sobre as ações comunitárias, promovidas por Geneci, junto ao Centro Comunitário do Bairro Glória, através do projeto de futebol para crianças de cinco a 12 anos, o *Geração Tigres* (Figura 19). A escolinha de futebol, iniciada em 2006, é um projeto desenvolvido por Geneci e por outros membros da comunidade do bairro Glória, entusiastas do esporte, em seu papel sócio-educador. O projeto atende a crianças do bairro, promovendo atividades de integração comunitária, como campeonatos, festas de final de ano e dia das crianças.





*[...] A sede da Geração Tigres é ali, mesmo. [...] A gente tenta desenvolver um trabalho ali, com eles, no futebol, com campeonatos; a gente participa de torneios, fazemos torneios, fazemos festas para as crianças, ali; tudo, trabalho social. (depoimento pessoal de Geneci de Lourdes Flores em entrevista concedida ao NEGA, em 09/07/2019)*

Ao longo das trajetórias de existência e de permanência da família Flores no bairro Glória, os sujeitos têm qualificado sua presença no território, através da afirmação quilombola, valorizando os saberes ancestrais religiosos, ligados à natureza e ao comunitarismo. Militantes da Frente Quilombola do RS, a família

Flores luta pela titulação definitiva do território, somando-se às lutas quilombolas da cidade (Figuras 20 e 21).



**Figura 19** – Time de futebol do Projeto Geração Tigres F.C.  
**Fonte:** Geneci Flores (2020)



**Figura 20** – Geneci Flores, Jamaica Machado e Sandro Lemos na aula pública de 20 de novembro de 2019, no Sindicato dos Municipários de Porto Alegre.  
**Fonte:** Allas Derivas | @derivsjornalismo (2019)



**Figura 21** – Geneci, falando sobre os impactos da pandemia de Coronavírus no Quilombo Família Flores, em protesto, diante da prefeitura de Porto Alegre.  
**Fonte:** Allas Derivas | @derivsjornalismo (2020)



## Legenda



Quilombo Família Flores



Trabalho Geneci, Edifício Maccari



Trabalho Geneci, Edifício conhecido como Carandiru



Centro Comunitário da Glória: Campinho Tigres



Escola Municipal de Ensino Fundamental Gabriel Obino



Quilombo dos Alpes



2ª casa João Batista



Batuque onde os pais de Geneci se conheceram



Deslocamento de Geneci para os locais de trabalho



Deslocamento de Geneci para as aulas de futebol que ministra aos finais de semana



Deslocamento de Gustavo (8 anos) e William (14 anos), filhos de Geneci, para os estudos, e de João Batista (51 anos) para a Educação de Jovens e Adultos



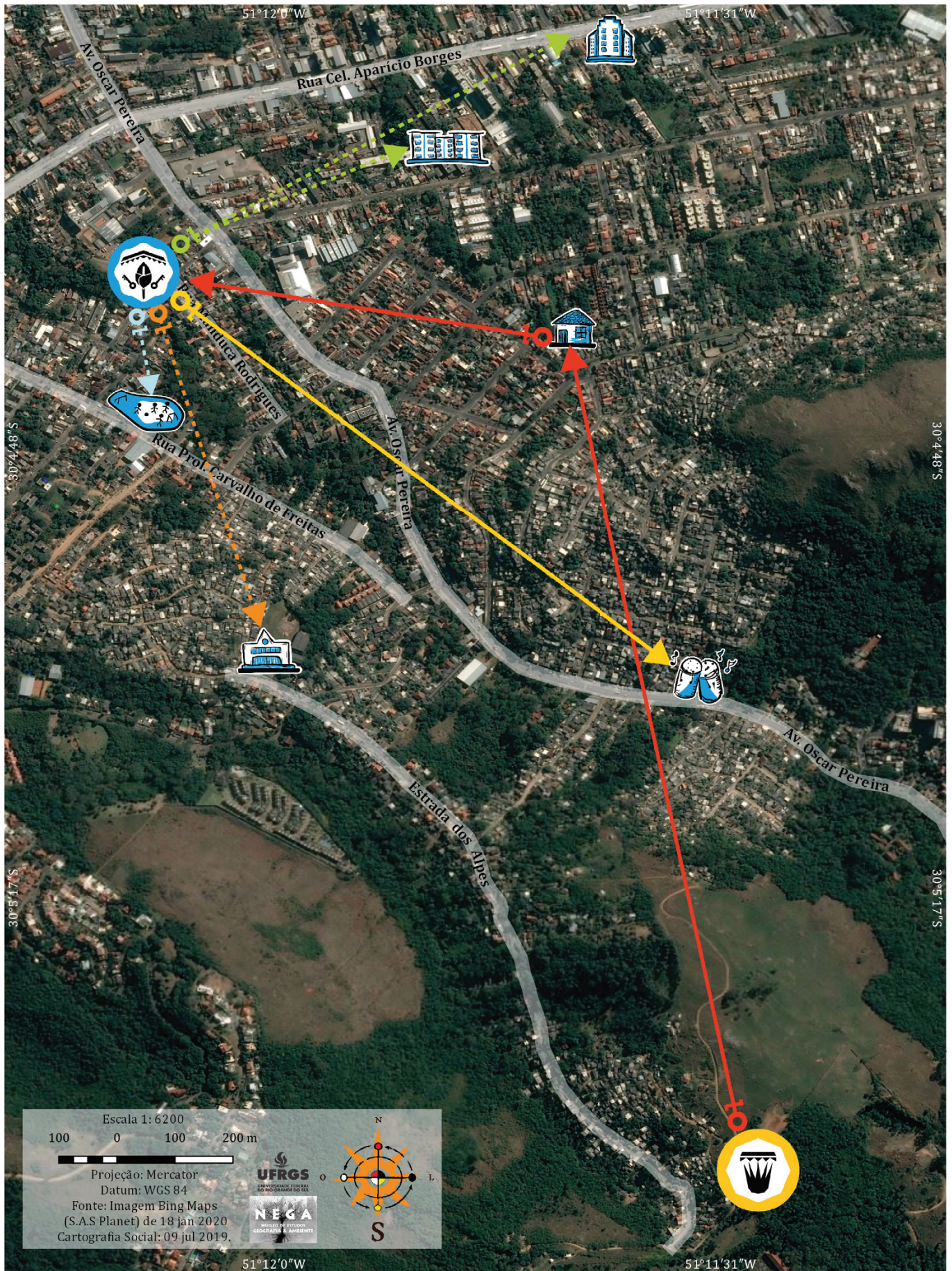
Deslocamento de João Batista antes de se instalar, com sua mãe, no Quilombo da Família Flores (a 47 anos)



Deslocamento do Sr. Adão Flores para o Batuque da Grutinha, onde conheceu a Sra. Rosalina



# Movimentos Históricos e Fluxos Cotidianos Quilombo da Família Flores



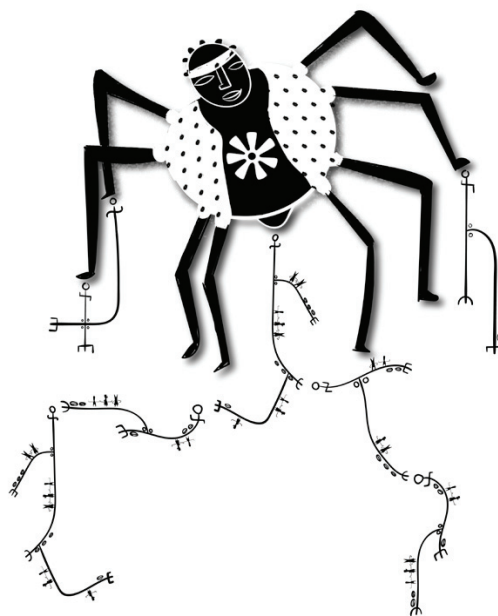




Por fim, na cartografia **Quilombo da Família Flores, 1987** (Figura 22), apresentamos a perícia fotográfica da presença da comunidade no território reivindicado. Na imagem, fornecida pelo Departamento Autônomo de Estradas e Rodovias (DAER), podemos acompanhar, no destaque, a localização do Quilombo da Família Flores, cujas narrativas da família destacam o Campinho Caveirinha. Este marcador não existe mais, pois foi tomado pela Fundação Marista, com o esbulho do território quilombola.

No entanto, Geneci e os irmãos lembram que, no Campinho do Caveira, como o lugar também era conhecido, aconteciam os torneios de futebol do bairro, e muitas das famílias da Glória e dos bairros vizinhos se reuniam, aos finais de semana, para acompanhar as disputas futebolísticas. Considerado uma das marcas territoriais das atividades de lazer, não, só, da Família Flores, como também, da comunidade do entorno, conforme os registros das memórias do bairro Glória (PMPA, 1995), o campinho Caveirinha era conhecido como um dos lugares mais importantes de sociabilidade do bairro, em que foram registrados mais de dezoito times de futebol. Conforme conta Geneci:

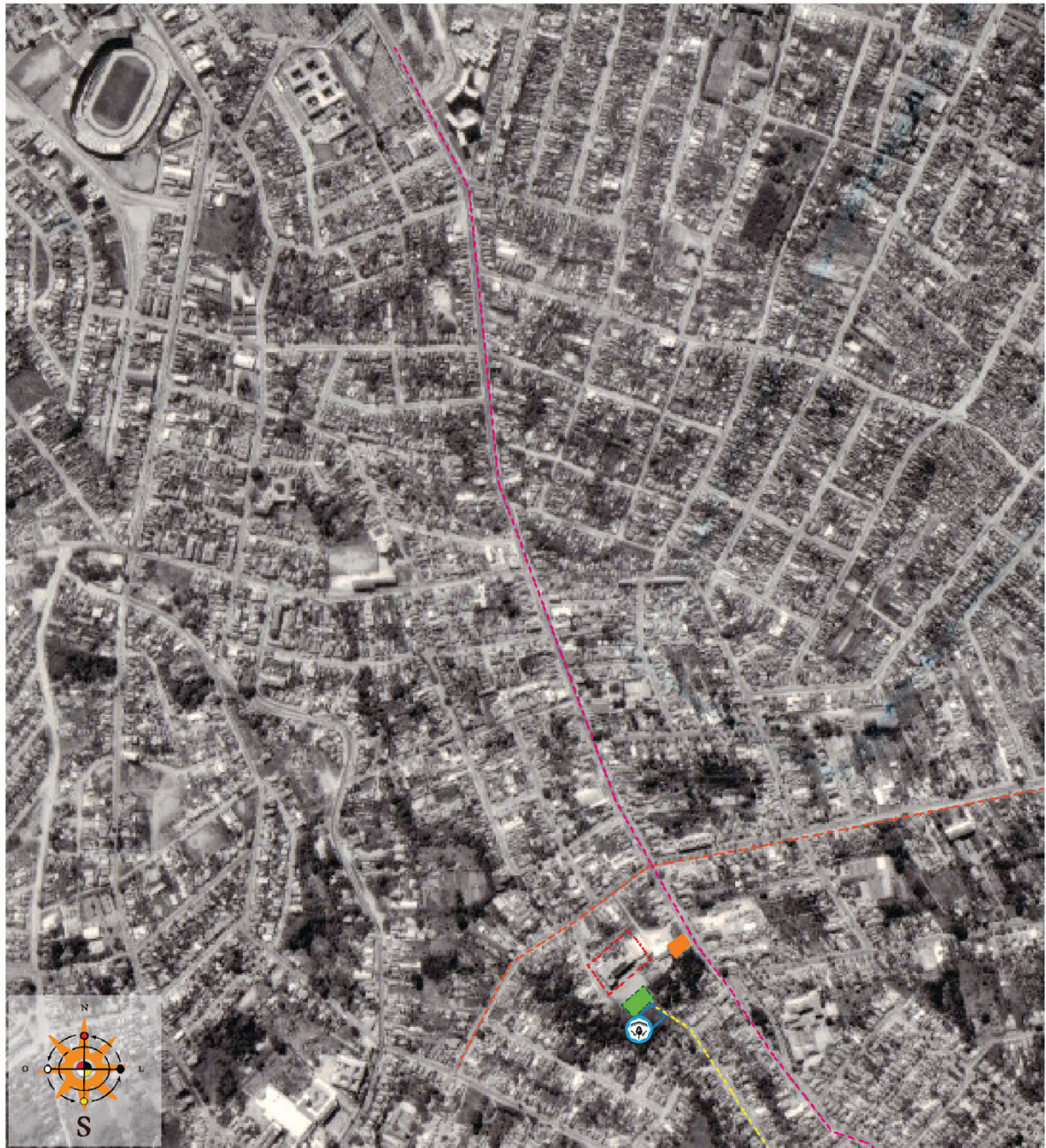
[...] *Tinha o campinho, o Caveirinha, que antigamente não tinha tantos campos, como tem, agora. [...] Todo mundo jogava, vinha o pessoal do morro, o morro todo descia pra jogar. Só perguntar pro pessoal mais velho, lá de cima; todo mundo vai conhecer o Caveirinha. [...] Tinha as taquaireiras do outro lado da rua, as árvores frutíferas, do lado de cá, e o campo ficava bem no meio. Tinha umas gramas, lá; o pessoal sentava, trazia a família, as crianças ficavam brincando em volta do campo.*" (depoimento pessoal de Geneci de Lourdes Flores em entrevista concedida ao NEGA, em 09/07/2019)







## Quilombo da Família Flores, 1978



### Legenda



Quilombo dos Flores



Colégio Marista Assunção



Campinho: Caveirinha



Igreja da Glória

--- Avenida Oscar Pereira

--- Rua Manduca Rodrigues

--- Rua Cel. Aparício Borges

### Informações da Aerofotografia

Imagem de 20 de julho de 1978  
do Bairro Glória e entorno. Fonte: DAER-RS.  
Aquisição em 20/09/2019.



**Figura 22** – Fotografia aérea do Quilombo da Família Flores e do seu entorno, em 1978.  
**Fonte:** NEGA (2020)



## TRAVESSIAS EM CURSO PELA COMUNIDADE

Apresentamos, neste capítulo, o pertencimento territorial do Quilombo dos Flores, fazendo referência ao relatório produzido pelo NEGA, junto à comunidade, em 2019. Este relatório também constitui um instrumento técnico, que trata do reconhecimento territorial e da afirmação espacial da comunidade no bairro Glória, em Porto Alegre (RS). Os dados são oriundos da coleta de informações, obtidas no trabalho de campo, e da realização do mapeamento coparticipativo.

Ressaltamos que as comunidades quilombolas não podem ser generalizadas nem consideradas territórios homogêneos, que apresentam formas idênticas de organização social e de distribuição espacial, sendo metodologicamente equivocado construir um modelo, como instrumento de pesquisa indiscriminado, a ser utilizado para todas as comunidades ou, mesmo, usar somente informações universais, dispostas por instituições oficiais. Considerando o Decreto nº 4.887/2003, é previsto procedimento como este, a fim de compreender as dinâmicas geográficas dos vínculos territoriais e a caracterização socioambiental da comunidade estudada, a fim de subsidiar o reconhecimento do território quilombola, por parte do Estado.

A identidade e a territorialidade quilombola da família Flores faz-se ativa ao longo de quase cinquenta anos e podemos observar essas relações presentes nas cartografias contra coloniais dos mapas apresentados neste capítulo. É manifesto nas falas das lideranças, o modo de vida, o entendimento sobre o seu passado e as construções sociais que os levam a territorializar suas posições sócio-espaciais em uma sociedade e em uma cidade altamente segregada e injusta.

Boa parte deste entendimento não advém de espaços formais de educação, mas da tradição cultural afro-brasileira, ancorada na oralidade das narrativas compartilhadas entre as gerações, que disputam a cidade na luta pela terra quilombola. Tradição, essa, que, desde os seus primórdios, constantemente se reinventa, para não ser apagada, ainda que comumente criminalizada e expulsa para as periferias. De essência pluriétnica, as cidades brasileiras negam o papel principal aos povos negro e indígena na tradição territorial. Assim como as demais tradições espaciais da capital gaúcha, o Quilombo da Família Flores precisa do seu território, para expressar e para perpetuar os valores afrocivilizatórios, que animam os laços firmados pela família com o território, fato marcado pela religiosidade, pelo comunitarismo, pela ancestralidade e por tantas outras práticas cotidianas da comunidade.

Ao final de 2019, a comunidade recebeu a visita de técnicos do INCRA, para dar início à elaboração do Relatório Técnico de Identificação e Delimitação (RTID), em um importante passo na regularização fundiária e na titulação do território Quilombola (Figura 23). Em 2020, a pandemia do Coronavírus vem apresentando as expressões desumanas do racismo estrutural, presente na organização urbana





**Figura 23** – Reunião com INCRA no Quilombo da Família Flores.  
**Fonte:** acervo de Luíza Dorneles (2019)



**Figura 24** – João Batista, recebendo a vacina contra o novo Coronavírus no território do Quilombo da Família Flores  
**Fonte:** acervo de Luíza Dorneles (2020)



**Figura 25** – Gerson, recebendo a vacina contra o Coronavírus no território do Quilombo da Família Flores  
**Fonte:** acervo de Luiza Dorneles (2020)

da cidade, e do genocídio, direcionado aos povos tradicionais, impactando indígenas e quilombolas, como acontece, historicamente, em Porto Alegre. Apesar dessas ações de desestruturação territorial, a comunidade segue nos cuidados com o seu bem-viver, mantendo as atividades de ações comunitárias e as suas redes de apoio, para o enfrentamento da pandemia (Figuras 24 e 25).





## CONVERSANDO SOBRE O QUE ESTAMOS APRENDENDO...

### I. Proposta para atividades pedagógicas:

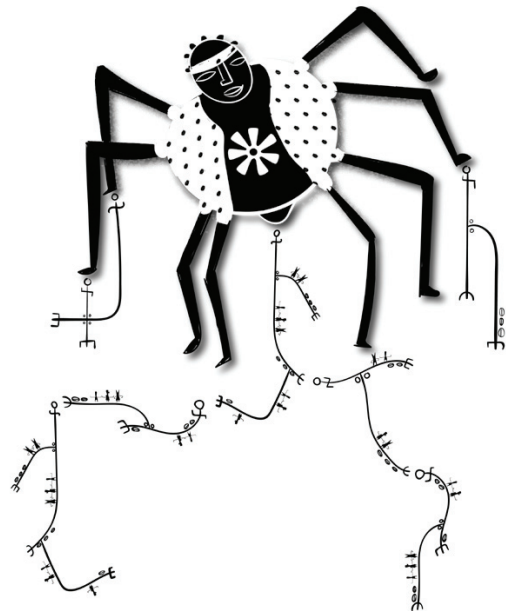
#### 1. **Temática: O Quilombo dos Flores: história e identidade.**

##### • **Objetivos:**

- Conhecer aspectos da cultura e da história do Quilombo dos Flores;
- Valorizar os saberes tradicionais e a identidade quilombola.

##### • **Atividade:**

O Quilombo da Família Flores está localizado no bairro Glória, na zona Sul da cidade de Porto Alegre. Rosalina da Costa Vasconcelos, a matriarca, mudou-se, em 1975, com seu pai e com três de seus cinco filhos, para o território atual do Quilombo da Família Flores.



#### 2. **Tarefa 1**

Em cada família, existem histórias e práticas, que, muitas vezes, pensamos serem universais, mas não são, pois não ocorrem em outras famílias. Vamos propor, então, uma breve pesquisa sobre essas práticas familiares, utilizando, como instrumento, entrevistas com os anciões (pessoas mais velhas, como os nossos pais e avós). Entreviste seus responsáveis e/ou outros parentes mais velhos (pais, avós, tios, etc.). Seguem sugestões de perguntas. Ouça tudo, anote, veja fotos, observe bem e, se possível, grave a conversa.

##### **Perguntas:**

- a) Como você chegou a esse bairro? Desde quando você vive aqui?
- b) Onde você vivia na infância? Como foi a sua infância? Você brincava de quê?
- c) Quem eram os seus pais? E seus avós? Quais eram os seus nomes? O que faziam? De onde vieram?
- d) Existe alguma receita que seja tradicional em sua família? Pode ser um prato culinário, um remédio caseiro, uma bebida, etc.



e) Existe alguma atividade que seja tradicional em sua família? Pode ser uma festa, uma piada interna, uma reunião, uma dança, um esporte, um instrumento, um canto, um lazer, uma prática, etc.

### 3. Tarefa 2

Pesquise e responda:

- a) Há aproximadamente quantos anos se dá a vivência quilombola da Família Flores no seu território?
- b) De onde são as origens territoriais da matriarca Rosalina?
- c) Qual a razão do nome Quilombo Flores?
- d) Quais são as duas principais lideranças da comunidade?
- e) Cite alguns conflitos que você acredita serem comuns às outras comunidades quilombolas da cidade de Porto Alegre:

### REFERÊNCIAS

ACSELRAD, Henri (Org.). **Cartografias Sociais e Território**. Rio de Janeiro: IPPUR/UFRJ, 2008.

BRASIL. **Lei nº 4.887, de 20 de novembro de 2003**. Brasília: Casa Civil, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 54. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

HENRIQUES, Isabel Castro. **Território e identidade**: o desmantelamento da terra africana e a construção – da Angola colonial (c. 1872-c. 1926). Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2003. Disponível em: [www.africafederation.net/desmantelamento\\_africano.pdf](http://www.africafederation.net/desmantelamento_africano.pdf). Acesso em: 1º mar. 2013.

MARTINS, Marcio Meireles. **Memórias de trabalho e não trabalho quilombola**. São Leopoldo: Oikos, 2019.

PMPA. **Memória dos Bairros**: A Grande Glória. Porto Alegre: UE/Porto Alegre, 1995.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, Quilombos**: Modos e significações. Brasília: UnB/INCTI, 2015.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. Percurso Metodológico. *In*: TRINDADE, Azoilda Loretto da; BRANDÃO, Ana Paula (org.). **Modos de Brincar**: caderno de atividades, saberes e fazeres. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2010. (Coleção A Cor da Cultura, v. 5)





## FICHA TÉCNICA – QUILOMBO DA FAMÍLIA FLORES

**Relatório técnico e texto didático-pedagógico:** Carlos Henrique de Oliveira Aigner, Cláudia Luísa Zeferino Pires, Diego Mittmann Kaiser Barboza, Geneci de Lurdes Flores, Gerson Flores, Giulia Assunção Sichelero, Gustavo Flores, João Batista da Costa Vasconcelos, Lara Machado Bitencourt, Laura Isabel dos Santos Flores, Nara Maria Vasconcelos de Mello, William Flores e William de Oliveira Silva da Silva.

**Fotografia:** Ariel Rocha de Lima e Cláudia Luisa Zeferino Pires.

**Ilustração:** Gabriel Muniz de Souza Queiroz

**Cartografias:** Cláudia Luisa Zeferino Pires, Gabriel Muniz de Souza Queiroz, Hiago Godoi Barth, Laisa Zatti Ramirez Duque, Lara Bitencourt, Matheus Eilers Penha e Winnie Ludmila Mathias Dobal.

**Trabalho de campo:** Ariel Rocha de Lima, Cláudia Luísa Zeferino Pires, Gabriel Muniz de Souza Queiroz, Geneci Flores, Gerson Flores, Gustavo Flores, João Batista Vasconcelos, Laisa Zatti Ramirez Duque, Lara Machado Bitencourt, Laura Isabel dos Santos Flores, Mariana Nicolini Acosta, Nara Vasconcelos, William Flores e William de Oliveira Silva da Silva.

## AGRADECIMENTOS

Agradecemos à comunidade do Quilombo da Família Flores, à grande companheira e poeta de luta, Geneci, à matriarca Rosalina (*in memoriam*), aos filhos Gerson, João Batista e Nara e aos netos Gustavo e William – obrigada pela acolhida, pelo diálogo e pelo mapeamento do rico território dos Flores, na Glória. Agradecemos ao movimento social Frente Quilombola do RS, que se dispôs na mediação e no diálogo, junto à comunidade, sobretudo, no amparo jurídico.

